

Notas sobre as tristezas que vagueiam entre os mortais.
An Artist is Always Working

*Na verdade sente incentivo ao trabalho quem vê rica a pessoa que se afadiga a arar a terra, a plantar, a bem dispor a casa; o vizinho inveja o vizinho que busca a abundância. Boa é esta luta para os mortais.*¹

Um site. *An Artist is Always Working*.² Um objecto crítico enquanto lugar que faz do trabalho o que ele é. Instrumento da prática artística que opera sobre si mesma. Um aparelho de produção que integra os aparelhos ideológicos das sociedades capitalistas. Duração e processo. Recordando Daniel Buren: um espaço que, singularizando o contexto, determina o trabalho do artista.

O que os artistas fazem não é trabalho – disse Flaubert que esta é uma das nossas ideias pré-concebidas.

Sem limite de dias e horas de trabalho, sem horário. Sem as leis da fábrica, combinações viáveis. A paragem como bloqueio à expansão

¹ Hesíodo - *Teogonia. Trabalhos e Dias*. Lisboa: Editora Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005, p. 92.

² Pedro Barreiro iniciou a performance *An Artist is Always Working*, no dia 11 de Novembro de 2020 sem data para terminar. É, nas palavras do próprio, “ uma performance duracional que acontece a todas as horas e minutos e que inclui todas as situações do dia-a-dia do artista. Pode ser acompanhada no site www.alwaysworking.art, onde são sincronizadas, em tempo real, as coordenadas geográficas do artista – o local onde está a acontecer a performance – e sinalizados todos os momentos em que o artista tenha uma ideia. No final de cada mês o site emite um relatório destas actividades”.

do capital ou um artista que está sempre a trabalhar. O intervalo. A divisão capitalista do trabalho e da vida. O tempo de trabalho e o número de horas trabalhadas convertidas em *actividade vital*, para falar como Marx, ou a vida produtiva propriamente considerada. Para além do bem e do mal: “ os artistas (...) sabem bem que só quando já nada fazem “arbitrariamente” e tudo fazem por necessidade, é que o seu sentimento de liberdade, subtileza, pleno poder, criatividade, ordenação e configuração atinge o auge - em resumo, necessidade e liberdade da vontade são, para eles, uma só coisa.”³

Arte e trabalho. O produto da relação que cada um estabelece com o trabalho e consigo mesmo, aplica-se, igualmente, à relação do homem com outro homem e, portanto, do artista com outros artistas: “ na relação do trabalho estranhado, cada homem considera, portanto, o outro, segundo o critério e a relação na qual ele mesmo se encontra como trabalhador. (...) Se o produto do meu trabalho me é estranho, a quem pertence, então?”⁴. É a relação do artista com o próprio trabalho que, igualmente, constrói a relação do capitalista com o trabalho.

³ Friedrich Nietzsche - *Para além do bem e do mal*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1999, p.157.

⁴ Karl Marx - *Manuscritos Económico - Filosóficos* (1884). São Paulo: Bomtempo Editorial, 2004, p. 86.

A proximidade com o poder financeiro apenas espelha a condição geral em que se encontra, a da estrutura mercantil. Sendo a arte parte integrante da superestrutura e indubitavelmente determinada pelo modo de produção e pelo sistema económico, é cada vez mais clara a sua dependência absoluta das condições sociais de produção.⁵ Diversas formas do trabalho. A divisão e o valor.

Do trabalho como modo de servir, actividade remunerada, forma de usar o tempo ou ainda prática de sobrevivência em época de sobreabundância marcada pela precariedade e escassez de recursos, ficará por compreender a história da espécie que talvez mais energia despense a trabalhar. O cansaço e o esforço naturalizados. O círculo repetitivo da competitividade e do êxito. A submissão. Capturados. Na arte como na fábrica. Diferenças e modos de produção articulados. Novidade, acumulação e eficiência. Mercados transnacionais. Artistas e operários que vão para todo o lado. Como na globalização. Também vão para o Paraíso: “eu sou uma máquina, eu sou uma roldana, eu sou uma rosca, eu sou um parafuso, eu sou uma correia de transmissão, eu sou uma bomba, aliás, a bomba está estragada, não funciona mais, e agora não pode mais ser

⁵ Sobre as relações entre arte contemporânea e trabalho ver o nosso artigo *Casos há em que a vontade segue a sua marcha*. Revista *Contemporânea*, Lisboa, nº 6-7, 2019.

reparada.”⁶

Visitar o hospício: “os pobres ficam loucos porque têm pouco e os ricos ficam loucos porque têm demais”,⁷ diz Militina que tentara estrangular o chefe por este não ser capaz de responder à utilidade do que fabricavam. Os artistas e a utilidade. Ainda. A divisão cultural que é social. O poder. A inutilidade de todos os que vislumbram a possibilidade de outros silêncios.

Como no filme de Elio Petri. Quanto vale um dedo? Quanto custa a liberdade? Quanto vale a revolução? Quanto custa o trabalho? Quanto vale o trabalho? A greve. *Eles não usam black - tie*. Tudo mudará. No interior da nossa cabeça. Nada nos impede mas o tempo passa. O tempo falta. A vida. Todos os dias.

A arte. Entre ela e a grandeza, a escassez do sangue. A eternidade. Vê-se. Sempre o hábito que afunda. O trabalho. Tudo somado. *Always*. Acontece asfixiar o corpo e fechar a vida. Obras saturadas pela mesma espera. Tristezas de quem já nada parece esperar: “ Não estamos uma polegada mais próximos que Parménides ou Platão de qualquer solução verificável do enigma da natureza e da finalidade da nossa existência, se é que a tem, neste universo

⁶ Lulu Massa , personagem do filme - *La Classe Operaia Va in Paradiso*, 1971.[Direcção de Elio Petri, Produção de Ugo Tucci, Argumento de Elio Petri e Ugo Pirro. Euro International Films, 125 min aprox., cor, som.]

⁷ Militina, personagem do filme de Elio Petri - *La Classe Operaia Va in Paradiso...*

provavelmente múltiplo.”⁸

Em todo o lado a imobilidade e a escuridão. A expulsão do Paraíso. Sem qualquer verdade em terra firme. Nenhuma fórmula para o tempo. O começo ou nenhum. Todos os sons, no melhor dos casos. E o tempo que continua a passar. Depressa demais. Contra a vontade. A história a persuadir-nos de que é incontestavelmente grandiosa. Mitologias soberanas. A dialéctica transformada na grande onda que se arrastará até rebentar. Ninguém avança com o espírito como Hegel pretendia. Nem filósofo nem artista. Circularidades da ciência-ficção. Nunca é tarde. Contra a corrente.

An artist is always working. Uma performance que nos propõe as ideias enquanto “capital diferencial dos artistas”. Através dela, o “capital, a operação e o resultado” coincidem⁹. A vida de um artista como aparelho de produção. A vida como tempo de trabalho. Entre a obra e o produto. Arte e trabalho — ou a máquina interminável da compulsão.

A fábrica não é totalmente do operário, a arte não é totalmente do artista. Nada é a mesma coisa. Disse Nietzsche que falamos de novas coisas e de coisas novas, apesar de continuarmos a fazer o

⁸ George Steiner - *Diez(possibles) razones para la tristeza del pensamiento*. Madrid: Ediciones Siruela, Biblioteca de ensayo, 2008, p. 100.

⁹ Pedro Barreiro - in *An artist is Always working*, www.alwaysworking.art.

que sempre fizemos. A “poeira da história”.¹⁰ Por vezes acontece que quem força a voz desde o começo ganha à falência e ao colapso. Conhece a prova do mundo, antecipa a experiência contemplativa da linguagem: o silêncio.

Notas sobre a desigualdade:

‘Graças ao trabalho, os homens são ricos em rebanhos e bens;
e pelo trabalho serás muito mais estimado pelos imortais
[e pelos mortais, porque eles muito detestam os ociosos].
Trabalho não é vergonha, é o ócio que traz vergonha.
Se trabalhares, em breve te inveja o homem ocioso,
Porque enriqueces; à riqueza, seguem-na o mérito e a glória.’¹¹

‘O dinheiro é esse conceito material, existente, a forma da unidade, ou ainda a possibilidade de todas as coisas da necessidade. A necessidade e o trabalho elevados a essa universalidade formam assim para si, num grande povo, um imenso sistema de comunidade e dependência recíproca, uma vida do que está morto movendo-se em si própria <autónoma>, uma vida que, no seu movimento, se agita de uma maneira cega e elementar e que, como um animal selvagem, precisa de ser continuamente domado e dominado com severidade.’¹²

¹⁰ Friedrich Nietzsche - *Considerações Intempestivas*. Lisboa: Editorial Presença, 1976, p.177.

¹¹ Hesíodo - *Teogonia. Trabalhos e Dias*....p. 104.

¹² Guy Debord - *Levantamento das citações ou desvios de ‘A Sociedade do Espectáculo’*. Paris: Farândola, 2003. , p. 3: ‘onde o mentiroso mentiu a si próprio’: desvio de Hegel, ‘A Ciência da Lógica’: “o verdadeiro verifica-se”; “o movimento autónomo do não-vivo”: desvio de Hegel, ‘A Primeira filosofia do

‘Ne travaillez jamais.’¹³

‘An Artist is Always Working.’¹⁴

Eduarda Neves

A autora escreve segundo a antiga ortografia.

espírito’ (Iena, 1803-1804); cf. 215. Na nota introdutória desta publicação é referido que *este Levantamento foi estabelecido, em grande parte, segundo as indicações fornecidas pelo próprio Debord aos seus tradutores em língua portuguesa, em 1971*. Neste caso o tradutor foi Pedro Jofre.

¹³ Frase do conhecido graffiti da autoria de Guy Debord, 1953.

¹⁴ Performance de Pedro Barreiro. Ver nota 2 deste texto.